

# Processo formativo de uma pesquisadora num contexto intercultural: construção de um posicionamento decolonial frente ao conceito de proximia de Dussel

Taryn Sofia Abreu dos Santos

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma análise do processo formativo de uma pesquisadora durante o mestrado por meio de uma imersão do tipo etnográfica. A pesquisa teve início em 2018, num território remanescente de ancestralidade africana localizado no Recôncavo Baiano. Na ocasião, a pesquisadora acompanhou um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal da Bahia, que realiza ações educativas do âmbito das Ciências junto aos moradores. O estudo investigou diálogos interculturais entre o saber afro-brasileiro representado pela capoeira e a Educação em Ciências nesta interface acadêmica, objetivando a construção de processos educativos decoloniais. A pesquisa se configura numa proposição decorrente da autobiografia da pesquisadora e neste artigo será discutida parte de sua formação, mediante um recorte da imersão ao rememorar a construção dos dados com um dos participantes da pesquisa: um mestre de capoeira. Como resultado, apresenta-se a construção do posicionamento decolonial da autora discutindo o conceito de proximia de Dussel.

**Palavras chave:** decolonialidade, colonialidade, interculturalidade, proximia

## Introdução

“(...) a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha...  
Mas tornar-se mulher negra é uma conquista”.  
(Lélia Gonzalez)

A antropóloga, feminista e militante brasileira negra, Lélia Gonzalez, parafraseando a filósofa Simone de Beauvoir, disse certa vez em uma entrevista, publicada no livro de Neusa Santos Souza, que constituir-se “negra”, é uma conquista. Auto definir-se dessa maneira, favoravelmente, requer imersão na sua história, buscando coragem no percurso de luta e resistência, traçado por seus ancestrais numa perspectiva política. Esse itinerário, tal como descrito por Gonzalez (1984), teve forte eco na trajetória de vida da autora do artigo, sendo inclusive este movimento publicizado em sua pesquisa de mestrado. A proposição acadêmica,

“ A Ginga Intercultural entre o saber Afro-Brasileiro e a Educação em Ciências: o corpo em foco na comunidade São Francisco do Paraguaçu/ BA”, teve como alicerce, parte da biografia da pesquisadora no tocante ao seu processo de construção identitária enquanto mulher negra, desencadeado concomitantemente, ao seu desenvolvimento profissional docente.

No decorrer de seu estudo, evidenciou-se uma narrativa de cunho autobiográfico, que expressou elementos decisivos que possibilitaram à pesquisadora a recuperação de sentidos apreciativos referentes à sua ancestralidade. A pesquisa amparada em intelectuais como Fanon (2008), Bhabha (2007), Munanga (2016) e Gomes (2002), também abordou o complexo de inexistência que possuía por ser negra, haja vista o estigma que historicamente criou-se em torno desta etnia, estruturado numa sociedade que legítima há séculos um sistema racista.

Na apresentação do trabalho, a autora externa por meio da dimensão estético corporal, relacionada ao cabelo, que passou a assumir o cacheado ao invés de alisá-lo, abdicando da fuga de “sua negrura”, após experienciar na escola que coordenava, um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), acerca das relações étnico-raciais em diálogo com as Ciências, intitulado como CAPOCIÊNCIA<sup>1</sup>.

---

1 Projeto legitimado pela Lei 10.639/03 que prevê, obrigatoriamente, o ensino da cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica, sendo coordenado pelo professor Dr. Danilo Seithi Kato, docente na UFTM. A proposta, contemplava a capoeira como um artefato

Através do projeto a pesquisadora, foi redescobrando sua ancestralidade africana ao envolver-se com pesquisas que apresentavam um “mundo negro” repleto de referências positivas. Desse modo, ela teve acesso a importantes intelectuais, filósofos, ativistas, militantes negros e negras; produções artísticas e culturais renomadas concebidas por ilustres africanos, africanas e afro-brasileiros/ afro-brasileiras; e também a outras narrativas históricas prestigiosas, protagonizadas por povos não-brancos que refutavam versões derrotistas e subservientes do discurso colonialista<sup>2</sup>.

Paulatinamente, ao estudar sobre o universo da cultura popular por meio da capoeira, a pesquisadora foi tecendo construções afirmativas sobre a sua existência, assumindo-se como uma mulher negra potente. Este senso de pertença culminou no estreitamento dela com academia por meio do ingresso no Grupo de Estudo e Pesquisa em Interculturalidade e Educação em Ciências – GEPIC (grupo vinculado à UFTM) e mais tardiamente na entrada no mestrado.

A pesquisadora desenvolveu uma investigação que contribui com a discussão acerca de processos educativos construídos sob o viés do pensamento decolonial<sup>3</sup> pautando e reafirmando a potência de uma educação que “olha por entre culturas” e desafia as “tradições coloniais que nos acompanham” (FREIRE, 1994). A intenção foi a de produzir uma argumentação perturbadora de discursos hegemônicos, que ainda insistem em superestimar a ciência, a razão e a cognição de corpos brancos, em detrimento de exponenciais conhecimentos produzidos por corpos negros que se norteiam por uma cosmovisão e “lógica diferenciada” (ABIB, 2004).

A pesquisa de natureza qualitativa, inseriu-se no campo da Educação em Ciências e nos marcos teóricos da interculturalidade crítica (CANEN, 2000; CANDAU, 2008; WALSH, 2009; 2012), demarcando como objetivo, a investigação dos diálogos interculturais entre os processos educativos que permeiam o saber tradicional afro-brasileiro, através da construção de duas lentes para analisar os eventos no campo: uma lente respaldada na capoeira e a outra na Educação em Ciências. As negociações e interfaces desta relação foram analisadas sob a ótica do corpo assumindo

---

cultural promotor de diálogos entre os saberes de matriz tradicional africana e afro-brasileira com os saberes científicos previstos no currículo escolar da disciplina de Ciências.

- 2 Refere-se à imposição de um ideário ocidental/ eurocêntrico que reprime outras formas de existência. Conceituação se respaldam nas pesquisas da professora Vera Candau (2010).
- 3 Pensamento que evoca uma releitura e revisão dos efeitos produzidos pelo processo de colonização partir de uma ampla rede investigativa sobretudo na América do Sul.

uma perspectiva discursiva e demonstradas a partir da metáfora da ginga intercultural, que evidenciava consensos e dissensos na relação entre os saberes tradicionais e a Educação em Ciências, num contexto permeado por contradições identitárias.

O território onde foi realizada a investigação, é a comunidade São Francisco do Paraguaçu, localizada no Recôncavo Baiano (Bahia), que vive o processo de autodenominação e certificação quilombola. A construção dos dados ocorreu mediante a realização de entrevistas semiestruturadas com mestres de capoeira desta região e que subsidiaram a pesquisadora com marcas discursivas remetentes aos corpos de ancestralidade negra e aos seus saberes tradicionais, para as observações durante a imersão etnográfica no campo. Nesse período, foi também realizado o acompanhamento de um grupo de licenciandos vinculados a Universidade Federal da Bahia (UFBA), que realiza intervenções e práticas do âmbito da Educação em Ciências, inspirados pelos pressupostos da perspectiva Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) a partir do desenvolvimento do projeto de extensão “Sala Verde”, em interação com crianças e jovens moradores desta localidade.

O contato com os mestres, foi pensado para subsidiar a pesquisadora na construção da lente da capoeira, de modo que fosse possível conceber parte do referencial teórico da pesquisa numa perspectiva decolonial, propondo dessa maneira um diálogo entre a academia e os saberes de matriz tradicional a fim de respaldar os aspectos teóricos do estudo.

Concomitante à investigação, além de se propor a identificar os diálogos interculturais (respaldados em minuciosa revisão bibliográfica presente no texto dissertativo) e caracterizar alguns importantes elementos constitutivos tanto do saber de matriz afro-brasileira quanto da Educação em Ciências, a autora analisou o processo de autoconstituição identitária dos moradores da comunidade SFP e também deu seguimento às reflexões em torno de sua própria constituição e processo formativo.

Ao realizar leituras para subsidiar a pesquisa buscando por aportes teóricos que se ancoravam na discussão dos eixos colonialidade, a autora propõe neste relato de experiência, um recorte da análise de sua trajetória de formação que perdurou no decurso da investigação, realizando uma interlocução com uma das categorias conceituais discutidas por um dos pensadores desta rede: o argentino Enrique Dussel e o seu conceito de proximidade, discussão empreendida na seção subsequente.

## Preciso ser outro para ser eu mesmo

“... Existo onde me desconheço...  
No mundo que combato morro,  
no mundo por que luto nasço”.  
(Mia Couto)

A decolonialidade é um conceito que vem sendo discutido por um grupo de pensadores latino-americanos implicados em desvelar as estratégias de legitimação e manutenção das relações de dominação e hierarquização no campo simbólico, entre países que colonizaram e os países que foram colonizados. Para este grupo de pensadores, a decolonialidade representa um movimento de contraposição de ordem teórico, prático, político e epistemológica, à racionalidade hegemônica eurocêntrica, consolidada a partir das matrizes da colonialidade que dentre vários efeitos, produziu com base no critério racial, discursos que permanecem segregando, subalternizando e inferiorizando corpos e saberes não-brancos em detrimento de brancos.

Em sua obra “Filosofia da Libertação”, o filósofo argentino Dussel (1977), apresenta como se dá a centralidade da Europa na história mundial, experiência resultante de um processo de dominação e opressão, que impôs sua hegemonia aos países colonizados.

Ao analisar a ontologia clássica, seu texto exprime a filosofia como acabamento e realização teórica da opressão prática das periferias numa perspectiva geopolítica; uma filosofia da dominação que desempenhou uma função crucial na história europeia, corroborando para vislumbrar a Europa como missionária da “civilização no mundo” (DUSSEL, 1977).

A filosofia da libertação busca romper com o silenciamento vivenciado pelas minorias oprimidas, historicamente desconsideradas como agentes na construção da sociedade moderna, de modo a compreender quais os mecanismos são utilizados para a manutenção desta exclusão e consequente negação de suas vozes, além da compreensão das ações que constituem a realidade objetiva dos oprimidos, demandando em outras palavras, que ao se colocar frente à realidade das vítimas, o pesquisador experimente os efeitos dessa subalternização (DUSSEL, 2005; COUTO, CARRIERI, 2018).

O filósofo aborda algumas categorias conceituais para a realização de sua análise, dentre elas, a *proximidade*, que prevê a superação de relações hierárquicas buscando uma aproximação na justiça, no encurtamento de distâncias, “agindo para o outro como o outro”, por meio da fraternidade, de uma conexão anacrônica. Estas são algumas das premissas da interculturalidade

crítica, referencial teórico e abordagem a qual esteve ancorada a pesquisa da autora.

Dussel (1977), defende que nossa vida está organizada com base num constructo de sistema de poder etnocêntrico, apresentando essa ontologia como um processo não natural, mas emergente de uma outra categoria conceitual denominada por ele como **totalidade**: sendo o pensamento filossófico ocidental, organizador do mundo e das nossas experiências de ser, numa dimensão assimilacionista da realidade europeia. Tal conceito pode ser entendido como:

a expressão do poder dominante daqueles cujas vozes se fazem permanentes ao que de fato existe e como as coisas devem ser na sociedade. É a voz **mainstream** e suprime todas as demais. É o conhecimento do centro, o conhecimento ontológico que se estabelece como verdade incontestada que se representam como superiores. (COUTO; CARRIERI, p. 635, 2018).

O contraponto seria olhar para os oprimidos, buscando uma maneira de construir a liberdade de fato, nos remetendo às nossas origens, à ancestralidade. Solidarizando-se com a condição do outro, não com "generosidade falsa", mas como algo genuíno e inequívoco, pois a relação estabelecida é festiva, num vínculo necessário, com felicidade genuína:

A proximidade é festa, mas festa da libertação e não da exploração, injustiça ou profanação. É festa dos iguais, dos livres, dos justos, dos que esperam uma ordem de proximidade sem contra-revoluções, sem retrocessos. Proximidade arqueologicamente anacrônica e escatologicamente utópica (...) (DUSSEL, p. 27, 1977).

Considerando suas anotações do diário de campo, durante a construção dos dados empíricos ao longo da imersão do tipo etnográfica para sua pesquisa, a autora analisa a continuidade de seu percurso formativo, a partir do vínculo estabelecido com apenas um dos entrevistados: o mestre de capoeira com nome fictício Angola.

O encontro entre eles aconteceu na UFBA, situada em Salvador (BA), tendo em vista que antes de seguir para São Francisco do Paraguaçu, a pesquisadora precisava desenvolver entrevistas semiestruturadas com mestres de capoeira para que desse modo parametrizasse o seu olhar a fim de criar uma das lentes que lhe serviria para analisar àquela realidade.

Mestre Angola<sup>4</sup> era um senhor negro com idade estimada em torno de 60 anos. Ao encontrar a pesquisadora para conceder a entrevista, sugeriu que antes do bate-papo ambos pudessem dar uma volta na Feira de São Joaquim<sup>5</sup>. Ao chegar na feira e se deparar com alguns corredores expostos ao esgoto, a pesquisadora demonstrou incômodo e repulsa, especialmente ao ser convidada pelo Mestre, a almoçar naquela localidade. Enquanto realizava a refeição a convite do Mestre num ambiente que lhe causava desconforto, julgava que a sua forma de se portar à mesa, de se relacionar com o alimento por exemplo, era a mais adequada, constituindo-se num modelo a ser seguido, enquanto o comportamento das pessoas ao seu redor, eram compreendidos por ela como modos ignorantes, primitivos, talvez apenas lhe cabendo, naquele momento, “respeitá-los”.

Mantoan (2003) aborda que o respeito e a tolerância, podem ser compreendidos como dimensões éticas conservadoras explicando que esses valores precisam ser analisados com mais cuidado tendo em vista que na maior parte das vezes, são afetos que aparentam generosidade, mas em suas entranhas demarcam superioridade e essencialismos: porque inúmeras vezes “aceitamos” o outro porque temos a ideia de que a diferença do outro é fixa, sua cultura é estereotipada e só nos cabe mesmo aceitar.

Neste instante percebeu que ainda que estivesse imbuída na busca por uma práxis que caminhasse para uma pedagogia decolonial, antirracista e intercultural (CANDAU, 2010) cuja gênese se deu com o CAPOCIÊNCIA, o seu sistema de representação de valores estava organizado com base num constructo de poder etnocêntrico.

Nossas formas de nos relacionarmos socialmente foram deturpadas pelas instituições e pela própria linguagem, que nos distancia do reconhecimento pré-linguístico do outro. Seria como se a nossa capacidade de enxergar o outro e reconhece-lo como pessoa, viesse antes da configuração das relações sociais e comunicacionais. É a linguagem e seu sistema de valores que deturpam e destroem nossas capacidades de reconhecimento

---

4 Mestre Angola, já havia tido contato com a pesquisadora em meados de junho de 2018, quando esta participou de uma formação em um evento na cidade de Ribeirão Preto, intitulado “Projeto, história, tradição e ginga no caminho da salvaguarda”. A palestra dada pelo Mestre referido foi decisiva para sua escolha como participante do estudo, tendo em vista a percepção da pesquisadora de que estava diante de um informante que demonstrava sua proficiência quanto ao conhecimento da capoeira, com articulação e expressividade durante a explanação das ideias.

5 Comércio tradicional da cidade, sendo considerada a maior feira livre na periferia de Salvador.

ao criar hierarquias, utilidade social, oportunismos, egoísmos etc. (DUSSEL, 1977; COUTO, CARRIERI, 2018).

Na ocasião da investigação, a pesquisadora era a representante de uma universidade, que ideologicamente se pauta mais prioritariamente pela cultura ocidental e pela ciência moderna que ainda se constitui como hegemônica em detrimento de outros saberes. E o mestre Angola, era o participante que no vínculo instituído com esta, representava o saber ancestral de matriz afro-brasileira.

Embora a sensação de estranheza perdurasse, a pesquisadora dialogava com o mestre cativada pelo acolhimento que este destinava a ela: a alegria do Mestre era visível por partilhar da companhia e atenção da autora e nesse sentido, a recíproca também era real. Havia esforço da parte da pesquisadora em superar o seu olhar que a princípio só focalizava a pobreza e as deficiências do entorno.

Este momento configurou-se numa experiência intercultural por basear-se numa relação de reciprocidade, pautada pela diferença cultural como elemento agregador para o enriquecimento mútuo. A ambivalência da poesia de Mia Couto na epígrafe da seção, ilustra o resultado do encontro, o vínculo instituído, sendo a experiência da alteridade essencial para a constituição da identidade da pesquisadora: "**Preciso ser um outro para ser eu mesmo**". Desse modo ela se percebeu na relação, e refletiu sobre a valoração atribuída por ela, àquele contexto, questionando as suas percepções e impressões.

Os elementos antagônicos dos versos, "**no mundo que combato morro**" e "**no mundo por que luto, nasço**", demonstram analogamente a sua presença no território, o espírito de sua pesquisa, a reconstrução de sua formação de modo dinâmico, além do renascimento de outras narrativas, percepções a partir da problematização das dimensões históricas, culturais e sociais da localidade.

Ao retornar do encontro após alimentar-se e transitar pela feira já se encaminhando para o momento da entrevista, paulatinamente, substituindo o olhar de ojeriza pelo prazer de um contato autêntico com o Mestre, a pesquisadora tentava compreender o que lhe atravessava ao ver o cenário, sentindo os aromas e notando a maciça presença de grupos compostos por pessoas negras naquelas condições que lhe pareciam repugnantes. Na sua busca, encontrou informalmente a menção de uma obra de Charles Darwin: "**The Expression of the Emotions in Man and Animals**"<sup>6</sup>, livro que aborda de

6 "A Expressão das Emoções nos Homens e nos Animais", tradução nossa.



que maneira animais e seres humanos expressam suas emoções, sendo o nojo, referido como algo vinculado à revolta. Um sentimento que após afetá-la e ser compreendido, continuou a mobilizá-la na luta por uma sociedade em que as pessoas se olhem e deem primazia à justiça.

Após vivenciar estas situações, ambos, Mestre Angola e pesquisadora, se encaminharam para o Forte da Capoeira, local onde a entrevista foi oficialmente concedida.

Ao ser questionado se a capoeira seria um tipo de conhecimento e o praticante, apresentaria uma marca manifesta por meio do seu corpo, na sua forma de agir e de se comportar, que o caracterizaria e o revelaria como capoeirista, Mestre Angola disse:

*A capoeira ela não deixa, não deixa de ser... um tipo de conhecimento com uma especificidade, né... É de um conhecimento holístico, onde você vai através da capoeira, ter acesso a várias vertentes do conhecimento... eu poderia lhe afirmar que o capoeirista externamente, ele não tem forma. Não tem uma forma no corpo do capoeirista... Porque o corpo do capoeirista se confunde com o corpo do dançarino, com o corpo do pescador, com o corpo do (...) trabalhador que vai na estiva, com o corpo do vendedor ambulante, com o corpo do menino que está correndo atrás da bola. Ele não tem uma forma. Eu escrevi um dia, o que eu chamei de forma deformada, contrariando as ideias cartesianas, que dá forma pra tudo, risos... é corpo e mente formandoo todo. Você sabe que essa ideia de corpo e mente separada, é coisa ocidental.*

Mestre Angola exprime em sua fala contradições importantes, que demarcam a diferença colonial<sup>7</sup> no que tange à racionalidade cartesiana do conhecimento científico ocidental, em oposição aos conhecimentos de matriz afro-brasileira. Ao tecer essa consideração, observamos o que a lógica cartesiana concebe uma ideia fragmentada de ser humano como culminância do dualismo entre razão e corpo, postulado pelas ideias de René Descartes (1595-1650), ao buscar exprimir em sua obra "Discurso do Método" em 1637, o que efetivamente seria um conhecimento verdadeiro.

---

7 Categoria conceitual discutida pelo filósofo argentino Walter Mignolo em seu livro: "Histórias Locais/ Projetos Globais - Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar" de 2003, e que vai sendo construída pelo autor como "o espaço onde emerge a colonialidade do poder".

“Cogito, ergo sum” foi a sustentação de seu pensamento filosófico sendo o “sujeito cartesiano” aquele que é por ser pensante, e racional (HALL, 2006, p. 27).

O corpo na capoeira, é a via pela qual se acessa, experiencia e se produz o conhecimento. Uma manifestação cultural que se caracteriza como uma linguagem polissêmica que como contradição do processo de dominação colonial, funcionou como forte elemento de preservação da identidade sócio-cultural, do patrimônio material e imaterial de saberes, consolidados no cotidiano de origem do negro-africano, e também como estratégia de luta pela sua sobrevivência física (BARBIERI, 1993, p. 27).

Estes aspectos levaram a pesquisadora a também refletir sobre o forte enfoque dado no ensino de Ciências ao esvaziamento das partes do corpo por contemplar sua anatomia e fisiologia. O corpo ainda é tratado de maneira biológica, nas Ciências Naturais, na escola ou em materiais didáticos sendo apresentando alheio aos contextos sociais e as relações de poder que lhe são subjacentes (MATOS, 2007; VERRANGIA e SILVA, 2010). Estas questões também são pautadas por Trivelato (2005, p. 122) quando defende que “... há um problema de tamanho para incluir o corpo humano no ensino de biologia. Esse fato se deve sobretudo por sua dimensão, o ser humano caber no ensino, apenas aos pedaços”.

Ao término da experiência, a sensação de que havia se desenrolado um jogo de capoeira, entre os dois, no campo simbólico foi evidente. Mestre Angola propôs à pesquisadora uma espécie de roda, ginga: foi preciso *esquiva/ benção/ aú/ cabeçadas/ meias-luas de frente*<sup>8</sup>, para que o participante da pesquisa estabelecesse uma relação de confiança com a pesquisadora. Porém, este vínculo instituído na relação de *proximidade*, também possibilitou que a pesquisadora que se reconectasse novamente com a sua história no diálogo com a alteridade, olhando para si, se fazendo nessa relação.

## Referências

ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola:** Cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2004. 173 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais Aplicadas à Educação, Unicamp, Campinas, 2004.

---

8 Alguns golpes presentes no jogo da capoeira.

BARBIERI, C. Um jeito brasileiro de aprender a ser. Brasília: DEFER, Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira (CIDOCA/DF), 1993.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BRASIL. Lei n.10639/03, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 2003.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 47, jan./fev. 2008.

CANDAU, V. M. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n.01, p.15-40, abr. 2010.

CANEN, A. Educação Multicultural, Identidade Nacional e Pluralidade Cultural: Tensões e Implicações Curriculares. **Cadernos de Pesquisa**, n. 111, p. 135-149, dez. 2000.

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo: USP, 2002.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984. Disponível em: <https://goo.gl/VFjdjq> Acesso em 03 mar. de 2020.

MATOS, S.O.A construção de representações sobre corpo na sociedade e o papel da escola na desconstrução dos padrões impostos. 2007. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

MUNANGA, K. GOMES, N. L. **O Negro no Brasil de Hoje**. 2 edição, São Paulo: Global, 2016.

TRIVELATO, S. L. F. Que corpo/ ser humano habita nossas escolas? In: Amorim, A. C. et al Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: Eduff, p.121-130, 2005.

VERRANGIA, D; SILVA, P. B. G. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 705-718, set./dez. 2010.

WALSH, C. Interculturalidade crítica y educación intercultural. In: **Seminario “Interculturalidade y Educación Intercultural”**, 2009, La Paz, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2009. Disponível em: <https://aulaintercultural.org/2010/12/14/interculturalidad-critica-y-educacion-intercultural/> . Acesso em 02 fev. 2020.

WALSH, C. **Interculturalidad y (de) colonialida**: Perspectivas críticas e políticas. Visão Global, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./ dez. 2012.